

UCLA

Mester

Title

Uma leitura de "Confissões de um Caçador de Dinossauros"

Permalink

<https://escholarship.org/uc/item/5g85x0gp>

Journal

Mester, 11(2)

Author

Seixas, Noémia

Publication Date

1982

DOI

10.5070/M3112013675

Copyright Information

Copyright 1982 by the author(s). All rights reserved unless otherwise indicated. Contact the author(s) for any necessary permissions. Learn more at <https://escholarship.org/terms>

Peer reviewed

Uma leitura de “Confissões de um Caçador de Dinossauros”

Foi com prazer que tomei contacto com este livro “As Confissões de um Caçador de Dinossauros” de Miguel Barbosa. Uma leitura que me levou por paisagens a que Miguel Barbosa já me tinha habituado e que no entanto adquirem aqui um significado novo. Um verdadeiro recreio o penetrar na intimidade do personagem, um complexo ser que nos conduz à mais perturbadora teia que se possa imaginar. Um indivíduo dividido entre o real e o irreal, entre o ser e o não ser a ponto de se nos apresentar mesmo, em três fugidias e saborosas aparições na pele de um casaco de cabedal, pele simplesmente, um casaco sem corpo, que é ele próprio numa corporização de um tremendo ego que nos desnorteará ao longo da narrativa.

Entremos pois na teia. Uma teia é sempre uma coisa perigosa. E esta é nocturna. É uma teia que vem da noite dos tempos por dentro do inconsciente da personagem, que não é uma aranha mas um dinossauro. Por que dinossauro, um representante de uma espécie acabada? Provavelmente porque Miguel Barbos, no seu propósito de simbolizar o real e querendo ultrapassar a forma do objecto morto, como na sugestão do casaco de cabedal, procurou um símbolo que fosse uma verdadeira objectificação de um corpo para incarnar uma personalidade que se sente excoraçada da vida, do tempo, da natureza. E assim no-la apresentará suportando o peso de uma espécie que já não existe. Que, por sinal, por não existir, nos surge logo de início portadora de um segredo. Tem o poder de se libertar da limitação da vida e da morte. Libertar-se da limitação da vida e da morte um escorraçado, um expulso, um ser que por assim dizer já acabou? Bem, este poder pode considerar-se um paradoxo porque, libertando-se de um domínio para que não há libertação, o pobre dinossauro, ao ultrapassar a morte, ao sair da medida de um limite que é uma ordem física, perceptível, atinge-se numa outra medida que já não cabe na linha dos fenómenos inteligíveis porque na verdade a imagem que vemos fugir da morte não é um corpo vivo mas um cadáver.

Eis-nos portanto no reino do que não é controlável e é nesse reino, para além dele ou numa sua anterioridade, que vou tomando conhecimento e interpretando esta estranha personagem e as suas confissões, as suas aventuras.

Expulso de si pelas leis que regem o tempo, dividido entre a vida e a morte, fragmentado entre o eu e o ego, fugido de si e por si procurado, pelo caçador de dinossauros que é ele próprio que se persegue e que é a mãe que o devora, este ser é realmente um ser em desacordo com as leis da natureza, da vida e do tempo.

Assim é no domínio do ilógico, de extravagante, do surreal, caçador de si próprio caçado pelas armadilhas da vida—a começar pela armadilha do seu nascimento, da saída de um corpo que o dá à vida para depois o

devorar, o amor neste livro é sempre um sentimento carnívoro—assim é ilógico, dizia, que Miguel Barbosa no-lo apresenta como uma autêntica figura, o sujeito de um eu inventado que actua num jogo divertido como que inteiramente projectado do lado de fora do eu do narrador, numa misteriosa distância que é a carga interior desse semi fantasma que se move exteriormente através do psiquismo inconsciente da escrita, em que se sente o narrador como num entreabrir do texto, de um modo mais intenso quando é a mão poética que manipula um anseio purificador, dir-se-ia que apessoal em relação à personagem, que se fragmenta mais uma vez numa fuga, que será até um regresso à natureza, por exemplo em passos como o vô da libélula e sempre que se manifesta um desejo de evasão, de transmutação entre o réptil e o vegetal ou a terra ou a asa, orquídea, calcário, pássaro, que voando poeticamente parece abranger universalmente o mundo. Deve mesmo estar aí, nesse anseio, a coragem de ser livre que o dinossauro, como dinossauro e como caçador de si próprio, à busca do eu em permanente luta com o ego, que é o seu censor ariano—a ascendência do dinossauro é ariana—não consegue personificar.

Assistimos portanto, ao longo da narrativa, à diabólica dispersão do sujeito dinossauro, que é o sujeito e ao mesmo tempo o objecto onde se vai exercer a constante acção de censura desse ego inquisitorial, ditatorial. Porém não lhe basta estar dividido entre o eu e o ego porque o próprio eu é um ponto de interrogação. O eu gozador de um ser que assume a forma de homem mas cujo sexo psicológico se indetermina—outra forma de fragmentação—comprazendo-se por um lado na farra, e na farra obscena, na droga, no pornografia e por outro numa fraqueza feminina que não o deixa sequer tomar uma posição entre a mulher e a mãe, e que é a fraqueza de todas as mães Mendonças sacrificadas através do sangue da mãe Jandira que aliás o domina o castra.

Ele é pois a fraqueza das mães Mendonças sacrificadas—uma face apenas da mãe Jandira que na verdade é um dinossauro monstruoso, que o engole como o engole a mulher, outro ser sinistramente devorador e o pulso censor dos Schmidt, a consciência, o remorso, com a força onipotente de uma Gestapo imortal, a ditadura que cada um transporta em si. O que ainda não chega. A fragmentação vai mais longe. Porque ele está vivo. E vivo permanece junto do caixão do tio Aroldo. Mas está morto. Representante de uma espécie desaparecida, como se viu. E morto, na sua condição de dinossauro que não existe há milhões de anos, já uma contradição entre a vida e a morte, torna essa contradição ainda mais extravagante porque é ele o morto, é ele o tio Aroldo que está no caixão que no entanto, por estar vivo, ultrapassa a dimensão da morte, não cabe no caixão. Fica com os pés de fora. E, com os pés de fora, continua a manifestar o seu desejo de evasão. Vêmo-lo fugir do caixão com os pretalhões da escola de samba para mais uma cachaçada fora de portas donde acaba por regressar cheiran a pó de arroz barato e a suor de homem, voltando a acaçar-se dentro do caixão, enquanto a forma viva do dinossauro incarnada no sobrinho do morto volta ao mesmo tempo, cavalgada por um homossexual, Banho de

Descarga, e interrogando-se sobre se será uma prostituta—sempre a fragmentação do desgraçado dinossauro, castrado pela mãe, sorvido pelo passado que o devora já antes de nascer, como é sorvido, absorvido pela mãe que, para melhor o assimilar, logo de criança o veste de rapariga, lhe fura as orelhas. Serei mulher? Já serei mulher? grita o infeliz dinossauro, indeciso na sua condição de homem, sempre vacilante na posição que há-de escolher na vida, sem saber se se incline para a mãe se para a mulher, puxado pelas duas numa desagregação do eu que seria trágica se não fosse cómica, porque a veia jocosa do narrador, muitas vezes embebida de uma forte carga de crítica social, é a boca escancarada de uma gargalhada, frequentemente uma careta, que se desdobra nos mais inverosímeis esgares por dentro da narrativa. Enquanto o pobre dinossauro, carregando a sua asfixia ancestral e presente, vai passando manipulado pelos cordelinhos da história, atabafado por fantasmas, o fantasma do tio Aroldo, que é ele próprio, o do tio Honório, o homem das acções, dos prédios, do dinheiro da família, outra forma de domínio, o tio Angenor, o tio Willy, o padre Abelardo, o homossexual que o persegue no confessionário e que no fundo também mostra um desejo de ascensão. Não toma ele a forma de um pterodáctilo, com as suas membranas entre os dedos, tentativa em embrião de réptil voador, pronto para levantar voo na ave futura? Como se vê, sempre a fragmentação e um permanente estado de evasão e de queda participando na natureza de eus e vegetando como homem, um homem castrado por uma mãe devoradora, que não é crocodilo mas dinossauro. Ele possuído pela mãe, ele possuído por Lobélia, a mulher, uma sugadora sinistra a quem ele se dá mas sem parecer sentir o prazer de usufruir. Sempre a sua incapacidade de viver. Vêmo-lo, ao longo de toda a narrativa, não como um perseguidor de mulheres mas um perseguido pela mulher, pelas mulheres—a D. Anónima Flor, a prima Nair, a tia Creusa, a mãe Jandira, a mulher Lobélia. Reflexo louco das imagens ferozes que o engolem, que o engolem com a sofreguidão que se reflecte imagem divertida no espelho limite do mundo visível como uma visão inconcebível, como inconcebível é vida, é a natureza e é Deus com as suas múltiplas e indecifráveis faces.

Para terminar, mostrando mais uma vez o aspecto indeciso da sua pessoa, consequência certamente da indeterminação do sexo psicológico, patenteia-nos como suprema manifestação da sua fraqueza e ao mesmo tempo do desejo de evasão, que sempre o acompanha, o anseio de regressar ao ventre materno, e entretanto recusa-se a lá entrar—mão mordo, mãe mordo.

Na realidade, a tragédia do filho da mãe possessiva, que não permite que o sexo se lhe defina. Mas isto contado com grandes gesto, histriónicos numa catadupa de troca por entre fundos gritos dramáticos em que se debatem o remorse e o sentimento de culpa, outra característica dos filhos da mãe castradora.

Noémia Seixas